



LITERATURA

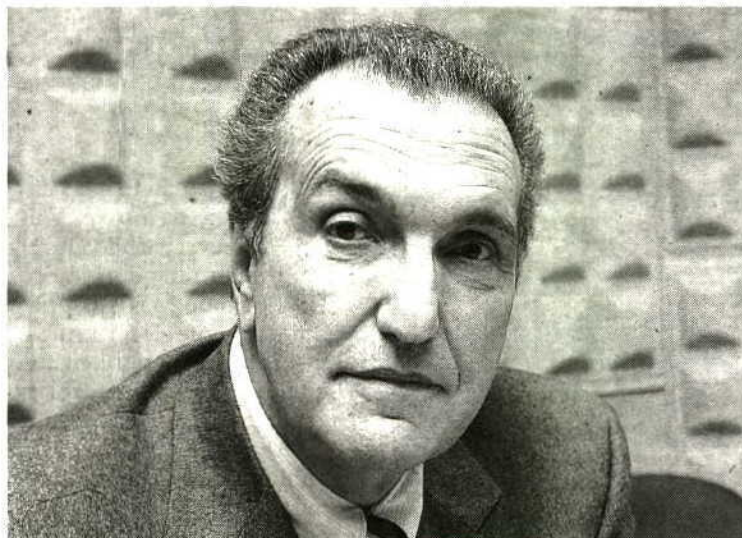
País de nome estranho e história reconhecível

ANA VITÓRIA
anavito@jn.pt

Um século de história, política e social, e um país, Istmânia, que bem pode ser Portugal. O novo romance de Artur Portela, "A guerra da meseta", é para o autor uma espécie de "contas finais, de balanço de actividade e de vida".

Tudo se passa num país com um nome estranho que viveu a censura, a guerra e a revolução. "Istmânia é um país fantástico, embora reconhecível em partes importantes e no todo mítico. Mas não só. Escrevi este romance, talvez seja um excesso de ambição da minha parte, para que também tenha significado não apenas aqui, em Portugal, mas noutros países e noutras sociedades".

O detonador da história, conta Artur Portela, "foi uma chamada telefónica. Alguém me perguntava algo sobre determinada época. A resposta ia sendo dada ao longo de sucessivos telefonemas e, quando



Artur Portela considera o novo livro uma "espécie de balanço de actividade"

dei por mim, percebi que a conversa que eu tinha tido ia tomando o jeito, a estrutura e a envergadura do livro".

O autor de "A guerra da meseta" reconhece que as suas memórias estão patentes em algumas páginas

deste romance. Istmânia atravessa uma grande noite (uma alusão óbvia ao fascismo).

O romance tem um processo narrativo muito próximo da formação cinematográfica. Aliás o autor admite que "o cinema foi sem-

pre de uma importância capital e continua a sê-lo. É natural que o meu processo de escrita, as descrições visuais, cromáticas, pictóricas, volumétricas e dinâmicas remetam para o cinema".

Ao longo de mais de 300 páginas de "A guerra da meseta", Artur Portela dá a conhecer, com grandes doses de ironia e de lirismo, uma estranha república e a história de um general que enlouquece e que sobe aos céus para capturar Deus. Tudo isto visto por um menino, cego de um olho. O seu olhar convoca pessoas, coisas, emoções, fantasias. Há salas de interrogatórios, tenentes-censores, generais e o Ductor (Salazar, claro está). Tudo isto se passa na Istmânia, país entalado entre a gigantesca barreira de betão, que o protege de um mar permanentemente em fúria, e montanhas intransponíveis.

História e jornalismo

Artur Portela nasceu em Lisboa, em 1937. Formou-se em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi redactor do "Diário de Lisboa", nos anos 50 e 60. Fundou e dirigiu o diário "Jornal Novo" em 1975, na fase imediata à Revolução de Abril, e fundou e dirigiu, também na década de 70, o semanário de grande informação "Opção". Como escritor de ficção, publicou vários livros, entre os quais "História fantástica de António Portugal", "As noivas de São Bento" e "Os peixes voadores". ■